

O gigante que acorda e vai às ruas: a produção simbólica, estética e insurgente das Jornadas de Junho

The giant that awakes and goes to the streets: insurgente, aesthetic and symbolic production of Brazilian June Days

El gigante que despiertas y sale a la calle: producción simbólica, estética y insurgente em las Jornadas de Junio em Brasil

Gustavo Souza SANTOS¹

Resumo

As Jornadas de Junho de 2013 no Brasil se desenvolveram como uma mobilização social em rede complexificada por dinâmicas socioespaciais, políticas e midiáticas. Ressalta-se ainda a produção de imagens, expressões e palavras de ordem que desenvolveram sentidos estéticos para a insurgência que ocupava as ruas, ativando territorialmente o país. Desse modo, propõe-se aqui concentrar o olhar sobre estes aspectos, refletindo a produção simbólica e estética insurgente nas Jornadas de Junho de 2013, considerando as palavras de ordem "vem pra rua" e "o gigante acordou". Inicialmente, discute-se a relação entre as práticas insurgentes e a produção estética com o suporte de Rancière. A seguir, analisa-se a produção simbólica de junho de 2013, evidenciando as duas expressões que aqui se propôs examinar. Por fim, debate-se as relações entre estética e ação coletiva na mobilização social. A variedade de pautas, a multiplicidade de atores e a multiescalaridade das territorialidades de insurgência produziram desenhos estéticos multivetoriais, catalisados pela performance corpográfica da mobilização híbrida, entre agências e potências *on* e *off-line*. Produziu-se uma partilha estética coadunada ao caráter multitudinário volátil do evento-fenômeno de junho de 2013.

Palavras-chave: Mobilização social; Insurgência; Protesto; Estética; Espaço.

¹ Doutor em Desenvolvimento Social e mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). Professor do Centro Universitário FIPMoc (UNIFIPMoc). E-mail: gustavo.ccpv@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9712-2690>.



Abstract

The June 2013 Days in Brazil developed as a social mobilization in a network complexed by socio-spatial, political and media dynamics. It is also worth noting the production of images, expressions and slogans that developed aesthetic meanings for the insurgency that occupied the streets, activating the country territorially. Thus, it is proposed here to focus on these aspects, reflecting the insurgent symbolic and aesthetic production in the June 2013 Days, considering the slogans "come to the street" and "the giant woke up". Initially, the relationship between insurgent practices and aesthetic production is discussed with the support of Rancière. Next, the symbolic production of June 2013 is analyzed, highlighting the two expressions analyzed here. It is also discussed the relations amongst aesthetic and collective action onto social mobilization. The variety of guidelines, the multiplicity of actors and the multiscale of the territorialities of insurgency produced multivectorial aesthetic designs, catalyzed by the corpographic performance of hybrid mobilization, between agencies and on and off-line potentials. An aesthetic sharing was produced in line with the volatile multitudinous character of the event-phenomenon of 2013 June.

Keywords: Social mobilization; Insurgency; Protest; Aesthetic; Space.

Resumen

Las Jornadas en Brasil de junio de 2013 se desarrollaron como una movilización social en red complejada por dinámicas socioespaciales, políticas y mediáticas. También vale la pena mencionar la producción de imágenes, expresiones y consignas que desarrollaron significados estéticos para la insurgencia que ocupó las calles, activando territorialmente el país. De esta manera, se propone aquí centrar la mirada en estos aspectos, reflejando la producción simbólica y estética insurgente en las Jornadas de junio de 2013, considerando como consignas "salir a la calle" y "el gigante despertó". Inicialmente, se discute la relación entre prácticas insurgentes y producción estética con el apoyo de Rancière. A continuación, se analiza la producción simbólica de junio de 2013, destacando las dos expresiones que nos propusimos examinar aquí. Finalmente, se discute la relación entre estética y acción colectiva en la movilización social. La variedad de pautas, la multiplicidad de actores y la multiescalaridad de las territorialidades de la insurgencia produjeron diseños estéticos multivectoriales, catalizados por la performance corporográfica de movilización híbrida, entre agencias y potencialidades on y off-line. Se produjo un compartir estético acorde con el carácter voluble y multitudinario del evento-fenómeno de junio de 2013.

Palabras clave: Movilización social; Insurrección; Protesta; Estética; Espacio.

Introdução

As Jornadas de Junho designaram uma série de manifestações ocorridas no território brasileiro de 17 a 26 de junho de 2013 cujo escopo amplo derivou dos atos do Movimento Passe Livre, entidade de ativismo pelo transporte público e mobilidade



urbana, presente em algumas capitais do país. Por flexão, engajamento e rebatimento socioespacial, os atos localizados inicialmente na metrópole paulistana fizeram eclodir uma mobilização multiescalar.

Com escopo ampliado e fragmentação de demandas pela aglutinação sociopolítica mobilizada nas ruas, os protestos cobriram os 26 estados brasileiros e o Distrito Federal, concentrando atos em 538 municípios - de pequeno, médio e grande porte -, bem como 73 cidades na Alemanha, Argentina, Austrália, Áustria, Bélgica, Bolívia, Canadá, Coréia do Sul, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Holanda, Israel, Itália, Japão, México, Noruega, Peru, Portugal, Reino Unido, República Tcheca, Suécia e Suíça.

O evento foi marcado por uma tríplice dinâmica: insurgente, socioespacial e anamnésica. As manifestações demonstraram novos agenciamentos populares mobilizados marcadamente de organização multidimensional e estética de contestação (SANTOS; CUNHA, 2019), dinâmicas multiescalares e territorialmente revisitadas (SANTOS; CUNHA, 2018a) e marcadas por um exercício de memória que atualiza as expectativas do passado em um presente redentor de querela (SANTOS; CUNHA; PEREIRA, 2018).

Junho de 2013, além de um acontecimento sociopolítico, tornou-se também um acontecimento midiático e simbólico. A princípio, a cobertura jornalística e as tratativas governamentais competiram com a subversão da narrativa produzida pelos manifestantes e coletivos de mídia em tempo real, arregimentados pelas redes sociais, desenvolvendo frentes de comunicação autônoma e alternativas.

Nesse intercurso midiático, produções estéticas também foram percebidas. Do caráter plástico e indumentário de cartazes, faixas, pinturas corporais e vestimentas, às sonoras palavras de ordem e gritos que se misturavam às demandas múltiplas, um desdobramento semântico servia de fortalecimento da mensagem insurgente e elemento aglutinador da multidão heterogênea dividindo as ruas simultaneamente.

Entre a floresta de signos e da multiplicação de imagens que conferiam sentido e partilha estético-política às manifestações, duas palavras de ordem se destacaram: "o gigante acordou" e "vem pra rua". Sua evocação tem destaque pela alta pregnância no período, mas sobretudo por atravessarem um processo semântico de bricolagem de mensagens publicitárias vigentes, realocadas de seu sentido textual para o intertexto do repertório insurgente construído a muitas mãos e corpos nas ruas do território nacional - *on* e *offline*.



“O gigante acordou”. Um grito de guerra que ecoou nas ruas no período das jornadas de junho e tornou-se a tessitura metafórica ideal para representar o sentimento catártico que unia os manifestantes. Manifestantes que assumiram a roupagem do “gigante pela própria natureza” e anunciavam com a tomada das ruas que se tratava de um despertar: o país gigante acordou, rompe os fios que o mantinham enclausurado e quer recobrar seu lugar.

Ao lado de “o gigante acordou”, o conclave “vem pra rua” - ou a *hashtag* #vempraru - foi utilizado como tônica em meio às vozes e dizeres. O convite fazia as vezes da relação causa e consequência, onde após o despertar do gigante, a ida às ruas para protestar ou simplesmente se posicionar e engajar era o passo seguinte.

A apropriação do texto publicitário tornou-se subtexto da manifestação como arregimentação metafórica e como etiqueta linguística para a comunicação do conteúdo dos atos. Tal qual o discurso comunicacional por essência, os jargões tornaram-se populares como identidade discursiva. Assim, reflete-se aqui a produção simbólica e linguística insurgente nas Jornadas de Junho, considerando a emergência de duas expressões de origem que se popularizaram nos atos: “vem pra rua” e “o gigante acordou”.

Inicialmente, discute-se a relação entre as práticas insurgentes e a produção estética. A seguir, analisa-se a produção simbólica de junho de 2013, evidenciando as duas expressões de que aqui se propôs examinar. Por fim, debate-se as relações entre estética e ação coletiva na mobilização social. Opera-se a discussão, sobretudo, com o suporte de Rancière (2009a; 2009b; 2010; 2012).

O recorte temporal estabelecido para o estudo se deu a partir do período de ocorrência dos atos classificados como Jornadas de Junho, isto é, no período compreendido entre 17 e 26 de junho de 2013, uma vez que flexões posteriores de movimentos, bem como a emergência de outros grupos, movimentos e coletivos disputaram a narrativa da mobilização sob outros prismas, apartados do espontâneo inicial de que se quer debruçar².

²Este estudo deriva da pesquisa de doutorado vinculada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), conforme Santos (2021).



Materialmente, examinaram-se textos de jornais impressos de maior circulação no Brasil no período das manifestações³. A opção pela mídia jornalística impressa se deu por suas características midialógicas de refletir o fato em seu tempo circunscrito e em pleno desenvolvimento, fornecendo retratos cotidianos em trânsito. Além do texto factual, tomou-se como base a leitura do evento para consolidá-lo a partir da reflexão crítica e diálogo com a literatura pertinente, caracterizando um estudo de caso⁴. Os dados foram explorados sob a técnica de análise de conteúdo⁵.

Da insurgência à estética insurgente

Rancière (2009a), ao definir práticas estéticas, destaca que a política e sua feitura incidem sobre o que se vê e diz das propriedades dos espaços e as possibilidades do tempo. Essa sensibilização é partilhada. São instrumentos de reflexão e os sentidos são componentes geradores de movimentos. Isso leva ao entendimento de que o estético é força produtiva da ação e na política, exercendo um papel de objeto e de ação.

Há nos sujeitos um impulso de criar mecanismos poéticos para dar sentido aos eventos cotidianos, onde a falta ou a insuficiência de conexões lógicas são aplacadas por meio de conexões metafóricas (CARTER, 1992). A conexão do indivíduo consigo no processo de individuação e do sujeito em sua expressão inclinada à ação é construída sobre a imanência da linguagem, da comunicação e do que é simbólico.

A comunicação é decisiva para a ação, já que catalisa as protuberâncias da realidade que constroem a existência de sujeitos e grupos, seus modos e projetos de vida. Desse modo, trata-se não apenas de um ferramental de linguagem básica, mas de fluxos interpenetrantes e de roupagens específicas para o levante, a insurreição e a manufatura da trajetória a que a formação de um sujeito supõe.

A insurreição é, de fato, um acontecimento factual e localizado no tempo e no espaço. Contudo, não pode ser definida - mesmo em suas formas mais abrasivas, efervescentes e efêmeras - como uma causalidade ou sucessão simples de fatores que condicionam uma mobilização e acondicionam um afeto insurgente (SILVA; MARTINS, 2018).

³Conforme apuração do Instituto Verificador da Comunicação (IVC), órgão vinculado à Associação Nacional de Jornais (ANJ), os veículos impressos de maior circulação no período foram O Estado de São Paulo, Folha de S. Paulo e O Globo.

⁴Conforme Duarte (2015).

⁵Considerando Bardin (2007).



Parece uma visão utilitarista e imediatista considerar as mobilizações como localizadas estritamente, uma vez que reverberações anteriores e posteriores lhe são características fundantes (MARTÍN-BARBERO, 2001). E, desse modo, a qualidade processual é um destaque dos atos, lutas e mobilizações. O conteúdo insurgente pode ser fugidio, mas revela profundezas dos significados intrincados e transformadores que motivam a mobilização e os sentidos da luta.

E no processo de luta são próprias as flexões e recombinações que a própria luta evoca e provoca. Experiências integradoras, apropriações criativas e elucubrações linguísticas são aspectos participantes do significado significante de mobilizar-se. Tais aspectos derivam em última instância da diversidade e multiplicidade de atores que esses processos abarcam (SILVA; MARTINS, 2018).

Espaço é essencialmente *poiesis*, condição de (re)criação e (re)invenção subjetiva e intersubjetiva (FLÁVIO, 2020). Ou como destaca Lefebvre (2013), o espaço - e, portanto, este em que se processam as mobilizações - é local em que simbolismos, imaginações, percepções do mundo são fixados e se tornam, portanto, espaciais. As novas estéticas fixam os sujeitos, seus signos de luta e sua própria performance ao espaço, tornando-os uma poética reinventada da rede.

A partir de tais estéticas, redefinições discursivas e conceituais ressignificam a prática e os sentidos da emergência do sujeito e da extensão de sua mobilização. Terminologias, evocações e interceptações da hegemonia simbólica são parte de um repertório diversificado de ação. Discursos e disputas reivindicatórias encontram valor também em *hashtags*, memes, *gifs*, remix de imagens, cartazes e palavras de ordem.

A produção simbólica insurgente de junho de 2013

As ruas testemunharam uma floresta de signos: cartazes, bandeiras, placas, faixas, camisetas, canções, gritos, palavras de ordem e evocações diversas. Fora das ruas, mas nelas e por elas, *hashtags*, fotografias e cartazes digitais eram disseminados. Uma nuvem sensível se levantava. Imagens jornalísticas em meios impressos, eletrônicos e digitais forneciam visibilidade e condensavam o conteúdo sensível produzido nos atos e a partir deles.

Nos roteiros e percursos *on* e *off-line* assistia-se à multiplicação de imagens e sentidos sociopolíticos, promovendo uma estética do movimento:



Nos protestos, os pedidos de reforma do sistema de representação se misturam aos cartazes defendendo transporte mais barato, melhorias na saúde e na educação, transparência nos gastos públicos e combate à corrupção (O Estado de São Paulo, 24 jun. 2013, p. 7).

Ontem, desde cedo, cartazes e fotos postados nas redes sociais convocaram as pessoas a participarem, nas ruas ou em casa, das manifestações em oito capitais. Com tags, as etiquetas que filtram temas nas redes, usuários recomendavam o uso de roupas brancas e colocação de bandeiras da mesma cor nas janelas na preparação de um movimento pacífico. No Instagram, por volta das 18h de ontem, mais de 18 mil imagens foram postadas com a etiqueta #whiteonmonday, e 9600 com #vemprajanela. #Vempraruareuniu mais de 24 mil fotos. No YouTube, a lista dos dez vídeos mais vistos no Brasil foi inteiramente dominada pelo tema. [...] Ao contrário de outras grandes mobilizações na rede, a onda de protestos não é de uma tag só [...] (O Globo, 18 jun. 2013, p. 9).

Nota-se que os produtos audiovisuais e a iconografia do evento serviam não apenas como suporte da palavra ou registro temporal. Toda a sorte de produtos que povoam as ruas e se proliferavam nas redes produziam telas de visualização, imersão e comunicação do teor dos atos. Criava-se uma estrutura, uma frente ou um circuito estético, adensado pelos afetos e pela materialidade dos atos.

Junho de 2013 foi marcado por dinâmicas ativistas combinando práticas *on* e *off-line*. Modalidades distintas de participação, ora marcadas pelo exercício isolado, ora por seu caráter híbrido. Desse modo, o movimento partia de um repertório ampliado de insurgência, catalisado pelo caráter da comunicação em rede e amparado pela ação socioespacial localizada, criando uma performance híbrida, cujas territorialidades combinam materialidades ubíquas e especializadas.

Os cartazes evocavam as demandas. O discurso era registrado graficamente e seu *layout* tornava-se camada retórica. Nos textos e grafismos, demandas, provocações e palavras de ordem. Os distintos suportes materiais de sua confecção, a técnica empregada e a criatividade estilística cooperavam para a pervasividade de seu conteúdo, de modo que da superfície estática, o simbólico se projetasse.

No contexto estético-prático, os cartazes pontuavam reivindicações, como os pedidos amplos por saúde, educação, emprego, mobilidade urbana e outros requerimentos inscritos nos direitos sociais. Há ainda o crescimento da discussão sobre a corrupção, com protestos generalistas e nominados em figuras políticas específicas. E mesclando temas, há elaborações criativas, produzindo textualidades de engajamento.



"Vem pra rua", "o gigante acordou", "verás que um filho teu não foge à luta", "não vai ter copa", "não é por R\$ 0,20, é por direitos", "saímos do Facebook" são exemplos de dizeres estampados em cartazes. Nota-se um processo de bricolagem de intenções e criação. O repertório do tempo presente e aquele coproduzido em tempo real nas ruas produzia mensagens de alta difusão pelo efeito replicante, pelo remix do uso popular e pelos afetos invocados a partir da textualidade.

Misturavam-se mensagens denotativas acerca das demandas e dos fatos conjunturais, códigos anedóticos como prática jocosa ou de provocação e elaborações criativas. O texto fornecia o caminho cognitivo e mobilizador: as palavras democraticamente disseminadas instruíam, imbuíam e mobilizavam. É próprio do texto (verbal e não verbal) interpelar a consciência para a reflexão. Nos protestos, combinados aos afetos insurgentes, tornavam-se condição plástica do engajamento.

Deve ser ressaltada ainda a diversidade conflitiva de textualidades nos cartazes e faixas (BARROS, 2014; MONDAINI, 2014; SILVA; MARTINS, 2018). A multiplicidade sígnica dos cartazes não supunha uma coerência convival entre si. Ideologias e intenções opostas estavam lado a lado. Em uma primeira análise, é possível compreender a pluralidade aglutinadora de junho de 2013 permitindo flexões solidárias provisórias. Em outra perspectiva, ressalta-se o conflito contraproducente.

Das expressões materiais de cartazes, placas e faixas, há ainda os registros sonoros das vozes, palavras de ordem e cantos. A sonoridade é mobilizadora (LIMA, 2014). No som, imposta-se a voz da indignação - entre outros afetos -, natural à insurreição. O som, por outro lado, cria cor, ressonância, acuidade acústica. Portanto, as palavras de ordem, cantos, música de fundo e outros apelos sonoros criam uma frente estética auditiva a encorpar a mobilização.

As palavras de ordem exercem um potencial estético também. Houve imagens sensíveis para o conclave dos atos, na convocatória às ruas e na declaração de imperativos de mudança. E nesse aparato, *hashtags* também permitiram uma leitura estética, permitindo que na sensibilidade textual e imagética, os atos dos atos pudessem ser consumidos.

Enunciações diversas também eram incorporadas à floresta sígnica. O grito pelo apartidarismo, a oposição à corrupção, a rejeição às tratativas da Copa do Mundo, entre outras chamadas produziam um repositório de imagens mentais, criando no dissenso, um consenso estético. No que se cantava, gritava e registrava em suportes materiais ou digitais, um aparato político-estético emergia, expositivo e engajador. Governo,



imprensa, cidadão e manifestantes consumiam a seu modo a efervescência sensível que emergia dos acontecimentos.

O vestuário e a pintura corporal foram adotados como parte da produção estética. Ao incorporarem elementos estéticos no corpo, corpo este que se mobiliza e realiza a coreografia insurgente, tem-se introjetada a experiência dos atos. O espaço da cidade, a pólis contemporânea, torna-se uma espécie de palco para que na liberdade, os sujeitos possam atuar e destravar movimentos, como uma coreografia que dá sintonia ao que se pratica e deseja, bem como serve de visibilidade aos destinos e destinatários da mensagem insurgente (LEPECKI, 2012).

Posto que os signos sonoros e imagéticos se difundem, cria-se um repertório episódico. Enquanto dura o evento, constrói-se e sedimentam-se significados, partilhados por participantes *in loco* e observadores. Esse repertório é variado e conflitivo, confeccionado nos momentos de ação e decantação da ação. Cria-se assim um repositório no imaginário - difundido pelas redes entre veículos, dispositivos e sujeitos. O acesso a tal repositório sustenta a ação, ora motivando próximos atos, ora reforçando os laços utópicos.

A produção estética desses suportes e por meio dessas dinâmicas criativas que tem por lastro a própria produção da ação coletiva, produz uma substância que preenche e envolve os sujeitos - participantes, observadores e/ou apoiadores. Essa substância estética é eminentemente política (RANCIÈRE, 2009a) e, seu consumo produz um gozo também político. Tal gozo se consuma na medida em que ação denota pertença e efeito pela obra criativa coproduzida e contemplada nas ruas.

Entre os conteúdos que formularam os repertórios estéticos de junho de 2013 estão os próprios símbolos nacionais, nas cores da bandeira nacional ou na intertextualidade dos versos do hino nacional brasileiro. A subtração do referente original, seus recortes e colagens retóricas produzem efeitos e laços persuasivos, na medida em que são reconhecidos cognitivamente e afetivamente, produzindo resíduo de agência.

Outros marcadores estético-narrativos se destacaram nas manifestações e são fruto de campanhas publicitárias vigentes, mas que, no acontecer dos protestos, foram reinterpretadas, reelaboradas e remixadas. As campanhas "Vem pra rua" da automobilística Fiat e "O gigante acordou" da indústria de bebidas destiladas Johnnie Walker, embora descoladas dos assuntos políticos e com outros objetivos, foram cooptadas simbolicamente pelas jornadas.



A marca escocesa de destilados Johnnie Walker desenvolveu uma campanha em 2011 com o propósito de se dirigir ao público brasileiro, destacando a importância da praça para a marca que, naquele momento, intensificava ações comerciais no país. O filme dispõe de uma narrativa enquanto o Monumento Natural dos Morros do Pão de Açúcar e da Urca, no Rio de Janeiro (RJ), ganha vida em forma humanoide e, erguendo-se, passa a caminhar pela cidade (figura 1).

Figura 1 - “O gigante acordou” de Johnnie Walker



Fonte: Disponível em: <http://ig-wp-colunistas.s3.amazonaws.com/consumoepropaganda/wp-content/uploads/2011/10/frame2.jpg>. Acesso em: 29 jun. 2020.

Embora a produção seja datada de 2 anos antes aos atos, sua memória foi usada como estética dos protestos interpolando dois referenciais: a imagética do VT que demonstra um dos cartões postais brasileiros assumindo a magnitude de um agente agigantado e a expressão "gigante pela própria natureza" presente na letra do hino nacional. A frase confessada na recitação é posta como sentido patriótico é posta em bricolagem na imagem do VT publicitário.

É parte do VT original de Johnnie Walker o texto de "O gigante não está mais adormecido" como sinal do crescimento socioeconômico do país e sua visibilidade internacional à época. Desse modo, como expressão retórica de que o país e sua nobreza gigante acordava naquele momento para reclamar sua história, marcada ali pela feitura das manifestações e utopia confessa nas demandas e nos sentidos sociopolíticos desempenhados pelos participantes.



O imaginário estético em torno do Brasil e seu desenvolvimento socioeconômico já esteve alinhavado anteriormente à revista *The Economist* em 2009 (figura 2), cuja capa demonstrava o Cristo Redentor em plena decolagem, sinalizando o gracejo internacional do crescimento do país. Com o título "Brasil decola: um relatório especial de 14 páginas sobre o maior sucesso da história da América Latina" (em tradução livre), a capa cristalizava o ensejo utópico partilhado no tecido e extratos sociais do país.

Figura 2 - Capa da revista *The Economist* em 2009



Fonte: <https://www.infomoney.com.br/wp-content/uploads/2019/08/the-economist-cristo-redentor.jpg?fit=644%2C434&quality=75&strip=all>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Com as ocorrências de junho 2013 e o desempenho econômico abaixo do esperado, o país volta a ser capa do periódico (figura 3) com a chamada "O Brasil estragou tudo? Uma reportagem especial de 14 páginas":

Figura 3 - Capa da revista *The Economist* em 2013



Fonte: <https://www.infomoney.com.br/wp-content/uploads/2019/08/the-economist-cristo-redentor.jpg?fit=644%2C434&quality=75&strip=all>. Acesso em: 10 jul. 2020.

A segunda campanha teve status convocatório, ao pegar empréstimo simbólico do *slogan* "vem pra rua". A campanha da Fiat é uma produção de oportunidade, marcada pela Copa das Confederações, sediada no Brasil, como convite para que a população fosse às ruas para torcer pela seleção brasileira de futebol. No signo da mobilidade associada ao automóvel, produto da marca, a campanha faz um apelo à comemoração e à torcida nas ruas, prática comum em campeonatos esportivos.



O filme encena a trajetória de brasileiros que vão às ruas, em bares ou nas imediações residenciais para torcer pela seleção brasileira, vestidos, adornados e utilizando instrumentos nas cores da bandeira nacional, embalados por uma canção cujo refrão destaca a chamada-tema da campanha com o "vem pra rua" (figura 4). Os símbolos de celebração comuns ao universo semântico do futebol são acompanhados no filme e mimetizados nos atos.

No limiar dos atos, temendo a associação da marca ideologicamente nos protestos, a Fiat suspende a veiculação da campanha, depois de seu teor ter sido apropriado pelos manifestantes. Todavia, os atos emprestaram recursos mobilizadores aos participantes, repertório presente até os dias atuais como lembrança do evento.

Figura 4 - O "Vem pra rua" de Fiat



Fonte: Disponível em: http://www.cidademarketing.com.br/2009/sysfotos/imagensexibicao/noticias/2013/maio2013/fiat_ rua.jpg. Acesso em: 29 jun. 2020.

Como edição perpetrada por manifestantes, mesmo após a suspensão dos materiais oficiais, um novo vídeo veio à tona incorporando cenas dos primeiros protestos, faladas de governantes e a cena original do relevo se tornando um gigante caminhante com a música extraída do VT produzido pela Fiat. A nova bricolagem reforçou os signos originais por meio de sua reedição, reforçando ao mesmo tempo os significados detonados nos atos.



A bricolagem é uma atividade criativa que lança mão de materiais culturais ou eruditos como substrato para a criação de uma trama dialógica que, ao referenciar repertórios externos, posiciona uma nova mensagem recombinação, fortalecida em sua base comunicativa pelo percurso linguístico (CARRASCOZA, 2008).

A mobilização social é, também, uma trama de significados elaborados, produzidos e produtores. O que torna arraigada a prática de luta amparada na realidade expressiva que reclama suas demandas variadas é a linguagem, a sensibilidade, a estética. No estético, encontram-se os sentidos que tornam cognoscíveis os elementos dramáticos da realidade.

Os sentidos do “eu” se combinam aos sentidos do “nós” da multidão e revestem a ação de uma camada sensível que permite ao sujeito constituir-se uno, sem a divisão destrutiva. Permite ainda trafegar sobre os regimes estéticos do próprio poder vigente e hegemônico do qual como ato insurgente se objeta e se opõe. Desse modo, a qualidade do estético na política é a possibilidade de navegação.

A produção imagética, sonora e sígnica no contexto da mobilização permite ao sujeito a capacidade de navegar pela torrente do eu - que se aciona sujeito, confronta a realidade injusta e se encontra na coletividade - e pela torrente do político - o acontecimento da mobilização e os opositores. Essas torrentes são esmagadoras ao eu, que ao se debruçar sobre o estético, mostram-se passíveis de enfrentamento, navegação.

Junho de 2013 e sua partilha estético-insurgente

A partilha do sensível permite a manifestação da subjetividade e da coletividade ao fornecer lume e tato à penumbra dos caminhos hegemônicos do poder e das ameaças da realidade situacional (RANCIÈRE, 2009a; 2010). A estética é por si mesma um ato político de partilhar no que é sensível o que é comum (RANCIÈRE, 2009b; 2012). Na instância do que é estético, a política como comum em construção é posta em alcance.

O produto estético pressupõe um produto subjetivo - e intersubjetivo. Quando a imagética é construída, e aqui toma-se a de caráter político, operam-se elementos que tocam a subjetividade por meio da partilha de comuns sensíveis ao eu e que fazem sentir os outros e o mundo. Desse modo, a sciência estética partilha um comum (RANCIÈRE, 2009a); e este, é designado pela natureza cotidiana que faz identificar na



produção estética as circunstâncias e os anelos que, no gesto sociopolítico, quer ser projeto e realização.

O gestual de produzir cartazes, impostar a voz em canto ou juntar-se em coro, selecionar uma vestimenta representativa, pintar o rosto, publicar palavras de ordem com *hashtags* e outras modalidades partilham um sentido subjetivo que, no trâmite insurgente, torna-se uma partilha sensível disposta a modelar a realidade no comum que é confessado por meio da produção estética pontual.

Para junho de 2013, a esfera comum construída nesse circuito estético foi determinante para a produção de uma liga aglutinadora da diversidade que povoava o movimento. Nas expressões estéticas, os sujeitos encontravam os sentidos do comum que os mobilizava a estar ali e dividir tempo e espaço na diferença. Ao mesmo tempo, essa partilha estética e espaço-temporal tornava humana e significativa a participação, mobilizando significados e afetos.

Esta partilha estética espaço-temporal era marcada por uma disjunção *on* e *off-line*. Os sujeitos circunscritos ao movimento pelas redes e pela agência ubíqua da comunicação digital participam da potência insurgente dos atos cravados no território nacional das ruas, criando uma baila corporal ampliada em que a performance reivindicatória inaugura uma corporeidade além da matéria, isto é, digitalizada e ao mesmo tempo corporificada nos fluxos e influxos dos protestos.

Há que se ponderar a pujança estética corpográfica⁶ e coreopolítica⁷ dos atos em que modalidades múltiplas e híbridas de protestar se desenhavam nas ruas e infovias. Mobilizavam-se os sujeitos exclusivamente nas redes telemáticas, os sujeitos exclusivamente nas ruas das multiescalas do movimento e aqueles sujeitos que ampliavam seu repertório nas ruas e nas redes digitais. Nesse prospecto, delineava-se um monumento estético-insurgente de registro humano, cuja plástica se dava tanto em sua agência e potência, como em sua indumentária imagética e sensível.

A coletânea de produtos estéticos criou uma trama sensível inscrita no plano linguístico e significativo, passível de leitura daqueles que estavam alheios ao movimento, posto que aqueles que participavam e endossavam experimentaram a segurança da pertença e do sentido político, onde a tensão produzida na insurgência repousa na meta, que é também seu percurso.

⁶Conforme Nascimento (2016) e Santos (2021).

⁷Conforme Lepecki (2012) e Santos (2021).



Saltam das superfícies, telas e sons polos semânticos e sintáticos que produzem interlocução e tessituras de agência. Todavia, o esquema linguístico que opera nos polos cognitivos práticos e correspondem aos projetos que os gritos das ruas evocam. Há também um esquema extralinguístico, que faz com que a emergência do indivíduo que se reconhece sujeito na situação que leva à luta continue sua ansiedade em produzir-se fora dos centros de poder por meio de suas produções estéticas.

Quando se cria produtos estéticos para a mobilização, continua-se na tarefa de plasmar sua própria subjetividade ansiosa por liberar-se da hegemonia que a produzia, definindo seu próprio devir e consistência. Nas estéticas da ação sociopolítica estão subsídios constitutivos dos próprios sujeitos que se emancipam, na medida em que provocam abalos na estabilidade circunstancial da produção da vida aos olhos do Estado, do capital e de outras instâncias de poder.

A lógica produzida pelas imagens nesse contexto de mobilizações sociais suplanta lógicas centralizadas, fazendo emergir vozes e estéticas antes marginalizadas, afônicas ou opacas, questionando a comunicação social na ordem política (SILVA, 2016). O reforço da dinâmica de redes e da comunicação autocentrada e alternativa tornam esse cenário sobremaneira desafiado, complexo e imprevisível em termos de rito sociopolítico, afinal seu regime de produção não respeita os estatutos tradicionais.

Quando mobilizados, os sujeitos desempenham agência e potência a partir de sua produção estética. Os insumos e indumentárias, que aparecem ao olhar público como prática trivial de protestos, são elementos construtivos de uma realidade significativa que envolve o objeto da ação. E nesse processo, criam ambiências significativas com as quais os sujeitos trafegam e deitam sua própria subjetividade na torrente coletiva que se forma no acontecimento.

As estéticas das mobilizações, em sua natureza política, são poéticas do tempo e do espaço. Poéticas são conjugações que descolam a realidade de seu caráter formal para conferir a ela tramas de afeto, de laço e de significados amarrados pelo repertório - social, histórico e anamnésico. Os próprios tempos e espaços da mobilização se tornam poéticas professadas pelos sujeitos e do movimento como um todo.

Na poética, a realidade reside representada, significativa, reificada e dialógica com a complexidade subjetiva, relacional e afetiva da existência humana, e existência em condições materiais das quais a luta se vale. Insurgir-se é, sobretudo, compor linhas poéticas sobre as lacunas e protuberâncias do que oprime e indigna. Visto que a poesia encontra seu fim no desnudamento da realidade de sua suposta e pretensiosa



estabilidade, o ato de constituir poéticas é fazer verter a crueza do real, dotando-o de aspectos significativamente humanos.

Quando a estética, bem como a poética, são compartilhadas, difundidas e praticadas, seu potencial se expande em dimensão e eloquência. Na partilha sensível insurgente, sinaliza-se nos elementos verbais e não verbais que o fluxo das atividades de determinada ordem local e/ou pontual exige atenção, demanda transformação. O drama humano irrompe como sentido estético ao fornecer imagens de incômodo e solidariedade que exigem respostas como a ação coletiva, a adoção de medidas ou a reorientação de projetos em curso.

Múltiplas faces de múltiplas origens praticando repertórios comuns, a partir de seus próprios repertórios define a coletividade característica da mobilização. Na realidade das mobilizações em rede, o circuito radicular implode a linearidade da recepção da atuação sociopolítica, já que nas redes, o remix, a colaboração e a inteligência coletiva são marcadores multivetoriais.

No compartilhamento está posto outro fator determinante para que a estética política se torne uma política estética: o ritual, a repetição gestual, a coreografia, a performance. Para que a eficácia do sentido estético da insurgência se estabeleça é preciso que o compartilhamento se dê no laço e no lastro do movimento, repetindo-se vinculado ao núcleo da ação e ao núcleo dos sentidos ali produzidos.

A ação corporal de mobilizar esforços na produção de artefatos estéticos ou na mobilidade exigida para que estes se tornem comunicantes nos atos é fundamental para que se crie um ritual, uma liturgia significativa. Movimentos, palavras e imagens criam a dimensão da luta que tem direção, cadência e escala. Direcionados, tais esforços corporais tem por espectador irrestrito a própria realidade que o contempla entre pares e opositores.

Emergem performances estéticas, enquadradas na performance sociopolítica de um protesto. Como toda performance, recursos de espetáculo são posicionados para uma audiência, a partir de um palco. O olhar público assiste sobre os espaços *on* e *off-line* as manobras e coreografias dos sujeitos mobilizados. A recepção da performance abre a compreensão entre o factual que desperta a atenção e o simbólico que a fecunda com sua retórica poética.

Toda atividade estética é uma tela da realidade. Telas do mundo se abrem nos artefatos produzidos também nas mobilizações sociais entre cartazes, dizeres, sons e imagens. Nessas telas, a realidade é vista em sua poética, desnuda da estabilidade e do



beneplácito que as imagens do desenvolvimento não alcançaram. As telas permitem identificação e diagnóstico. Delas também se vislumbram a plástica da utopia confessional da insurgência, costumeiramente declinada como incompatível à racionalidade moderna da realidade.

Imagens factuais são adensadas por imagens mentais. Logo, as operações estéticas produzem um rizoma que alimenta os esforços insurgentes, conquanto fornecem sentido para sua curva de realização. Na produção estética das Jornadas de Junho, observa-se um conjunto de artefatos e performances cuja envergadura produziu unidade de sentido e corpo retórico para a inconsistência nuclear da multidão. Se a substância estética é ao mesmo tempo subjetiva e política, os contornos sensíveis de sua produção contêm o sujeito inteiro e em movimento.

Considerações finais

Na multiplicidade de participantes e de agendas postas nas ruas, diferenças foram evidenciadas em discurso, intenção e projeto. Contudo, as particularidades que desenvolveram a movimentação, colocam os atos de 2013 em um cenário particularmente diferente, em que o singular é múltiplo, o integrado é plural e a unidade é diversa. A controvérsia foi um marcador central das mobilizações.

Destarte os primeiros impactos, uma aderência inesperada é sentida com múltiplos focos de protestos sendo relatados não apenas no estado paulista, mas em outras partes do país, não restritos também à região Sudeste brasileira. A reverberação das vozes dos protestos que afirmavam um despertar e convidava às ruas parecia contagiosa e possuiu a acústica necessária para que seu som se difundisse sem dispersão, agremiando sentidos contraditórios entre si.

O que unia as pautas em termos de luta pelo transporte público gratuito e de qualidade passou a congrega uma diversidade de pautas espalhadas por uma cartela de demandas que afetam a vida urbana. Todavia, o que implicava em diversidade de agenda, carregava uma prerrogativa de unidade. A polifonia das pautas não dividia, mas unificava um pulso nascido das ruas e capaz de destravar experiências nas e das ruas. E a dinâmica estética é o elemento aglutinador desse processo.

Ladeada à manifestação estética dos sentidos brasileiros do Hino Nacional evocado em palavras de ordem e como marcadores estéticos, estiveram fragmentos e remixes imagéticos do mundo do consumo e da plástica publicitária. Tal resultado faz



perceber que no arcabouço da partilha estética de junho operou-se um dispositivo caleidoscópico em sentido político.

Diferentes posicionamentos acabaram por tornar-se parte de uma torrente de afetos que, sob a partilha sensível dos ícones, índices e símbolos espargidos nas ruas e nas redes, tomaram de sobressalto a emergência de distintos sujeitos naquele processo. Nesse sentido, germes progressistas, bem como centelhas autoritárias e conservadoras se imiscuíram de uma mesma jornada cujos significados ainda se mostram complexos de debelar.

Nota-se a pujança de junho de 2013 na construção de novas frentes engajadas, coletivos urbanos e um renovado interesse por pautas que perpassam a reivindicação por desenvolvimento social. Todavia, acompanhou-se também um esfacelamento do debate público, ocasionando sectarismos polarizados que tiveram redutos estéticos, como em grupos conservadores que abraçam o campo cromático da bandeira nacional e outros grupos que passaram a ser taxados de vermelhos, como um marcador de estereótipo político.

A produção estética, cara à produção do devir humano, torna-se então um elemento central à estrutura orgânica de mobilizações sociais em rede - o que se convencionou denominar novíssimos movimentos sociais. Na trama de sentidos alinhavados, no sensível que reveste a ação e na linguagem que mobiliza, está a mobilização de afetos que qualifica a ação coletiva.

A complexidade dos sentidos da produção estética de junho de 2013 residiu na capacidade aglutinadora que o despertar de ondas de protestos em rede promoveu no território nacional, ativando espaços, afetos, sentidos e discursos. A interpolação desses sentidos é partícipe do vertiginoso e desafiador quadro sociopolítico delineado nos anos recentes da história brasileira e que, sem dúvida, as estéticas do gigante desperto ajudaram a decodificar, tal qual a estética, ferramenta e interface de devires.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2007.

BARROS, M. Os idiomas misturados vindos da rua. In: GONÇALVES, M. (Org.) **As jornadas de junho**: os significados do retorno das manifestações de massa no Brasil. Recife: Ed. do Organizador, 2014. p.60-66.



CARRASCOZA, J. A. **Do caos à criação publicitária**: processo criativo e *ready-made* na Publicidade. São Paulo: Saraiva, 2008.

CARTER, P. **Living in a new country**: history, travelling and language. Londres: Faber and Faber, 1992.

DUARTE, M. Y. M. Estudo de caso. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2015. p. 215-235.

FLÁVIO, L. C. Por uma Geografia com poesia. **Revista GeoUECE**, Fortaleza, v. 8, n. 15, p. 8-22, jul./dez. 2020.

LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.

LEPECKI, A. Coreopolítica e Coreopolícia. **Ilha (Revista de Antropologia)**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 41-60, jan./jun. (2011) 2012.

LIMA, M. C. O som e a fúria das ruas. In: GONÇALVES, M. (org.) **As jornadas de junho**: os significados do retorno das manifestações de massa no Brasil. Recife: Ed. do Organizador, 2014. p.117-128.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação. cultura e hegemonia. 2. ed. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MONDAINI, M. O especialista e os protestos de junho: a edição da cacofonia das ruas. In: GONÇALVES, M. (Org.) **As jornadas de junho**: os significados do retorno das manifestações de massa no Brasil. Recife: Editora do Organizador, 2014. p.32-40

NASCIMENTO, S. A cidade no corpo. Diálogos entre corpografia e etnografia. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 19, p. 1-13, 2016.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Protestos dão fôlego à reforma política na câmara**. Política. São Paulo: Grupo Estado, 24 jun. 2013. p. 7.

O GLOBO. **Redes sociais dão o tom da "revolta do vinagre"**. País. Rio de Janeiro: Grupo Globo, 18 jun. 2013. p. 9.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009a.

RANCIÈRE, J. A estética como política. **Devires**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 14-36, jul./dez. 2010.

RANCIÈRE, J. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

RANCIÈRE, J. **O inconsciente estético**. São Paulo: Editora 34, 2009b.

SANTOS, G. S. **Espaços de insurgência e cidadinidade**: novas práticas, estéticas, performances e gramáticas de mobilizações sociais em rede, a partir das Jornadas de



Junho. 2021. 333f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2021.

SANTOS, G. S.; CUNHA, M. G. C. As Territorialidades Insurgentes do Gigante Desperto: Jornadas de Junho de 2013 no Brasil e suas Dinâmicas Territoriais. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, v. 35, p. 37-48, 24 jul. 2018a.

SANTOS; G. S.; CUNHA, M. G. C. C.; PEREIRA, A. M. Na rua e na memória: junho de 2013 e as dinâmicas anamnésicas. **Perspectiva Geográfica**, Marechal Cândido Rondon, v. 13, n. 19, jul./dez. 2018.

SANTOS, G. S.; CUNHA, M. G. C. C. "Não é por R\$ 0,20, é por direitos": dinâmicas de insurgência nas Jornadas de Junho de 2013 no Brasil. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 20, n. 69, p. 94-110, jan./mar. 2019.

SILVA, R. R.; MARTINS, B. G. A emergência do cartaz nas Jornadas de Junho: excesso de palavras e políticas da escrita insurgente. **Mídia e Cotidiano**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 142-162, dez. 2018.

SILVA, T. T. **Ativismo digital e imagem**. Estratégias de mobilização e engajamento em rede. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.